
DA COLIGAY AO SHEIK – (RE)PRODUÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO DE MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS NO CAMPO FUTEBOLÍSTICO

FROM COLIGAY TO SHEIK - (RE) PRODUCTION OF HOMOSEXUALITY IN SPACE OF MASCULINITIES: AN ANALYSIS OF THE FIELD SPEECHES FOOTBALL

Kelvin Emmanuel Pereira da Silva
Graduando em História – UFRGS
kelvineps@gmail.com

RESUMO: O ano de 2013 foi representativo para o futebol brasileiro. Após o “selinho” de Emerson Sheik, atacante do Corinthians, no empresário Isaac Azar, houve uma onda de comentários considerados homofóbicos, não só contra os atores do ato, bem como o próprio Corinthians. O que houve de representativo foi a volta da discussão acerca do tema homossexualidade, construção da masculinidade e o futebol. De fato, são três eixos que causam discussão, tendo em vista ser o futebol brasileiro um currículo de masculinidades. Porém, ao verificarmos a constituição de torcidas a favor da ocupação de espaços nos estádios pelos gays, como é o caso da Coligay (1977-1987), percebemos que o tema não é tão novo assim. A partir de reportagens da Revista Placar, pretendemos compreender o que essa mídia escreve sobre essa torcida. Qual o objetivo de se afirmar homossexuais num campo onde há (re)produção de masculinidades? Por (re)produção de masculinidades, entendemos que há constantemente nos estádios e outros espaços de reprodução do discurso futebolístico uma constante: o processo de “pedagogização”, da qual surgem ações que se associam a forma de ser homem (ou não ser homem). Dessa forma, o artigo pretende analisar essas reportagens e relacioná-las ao conceito de currículo de masculinidades, procurando entender como a Coligay se afirma e por que se afirma como uma torcida de homossexuais no espaço futebolístico.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas organizadas de futebol, construção de masculinidades, Coligay.

ABSTRACT: The year of 2013 was representative for Brazilian football. After the “peck” from Emerson Sheik, Cortinthians' forward, on businessman Isaac Azar, there was a wave of commentaries considered homophobic, not just against the people of the act, as well as Corinthians itself. The representative situation was the return of discussion about homosexuality, masculinity's construction and football. In fact, these three themes cause discussion, whereas the Brazilian football is a curriculum of masculinity. However, when we verified the formation of fans' associations of football clubs (in portuguese: *torcidas organizadas*), which agree with the occupation in stadiums by gays, as Coligay did (1977-1987), we realized that this process is not novelty at all. From Placar Magazine's reports, we pretend to comprehend what this media writes about this fan association of football club. What's the objective of self-affirming as homosexual in a space where there is masculinities' (re)production? For masculinities' (re)production, we understand that there is in stadiums and others reproduction spaces of football discourse a constant: the process of “pedagogization”, from which come actions that get associated to a way of being man (or not being man). Thus, this article intends to analyze these reports and relate them to the curriculum of masculinities' concept, wishing to understand how and why Coligay affirms

itself as a homosexual fan association of football club in a football space.

KEYWORDS: Fans' associations of football clubs, masculinities' construction, Coligay.

Introdução

O intuito de produzir o presente estudo surgiu no horizonte das discussões acerca da homofobia e futebol, as quais se relacionam com a divulgação de uma foto nas redes sociais, onde Emerson Sheik, jogador do Sport Club Corinthians Paulista (conhecido como Corinthians), aparece “dando um selinho” (expressão usada para descrever quando uma pessoa encosta seus lábios nos lábios de outra pessoa) no seu amigo Isaac Azar.

Imagem 1: Foto divulgada nas redes sociais de Emerson Sheik e Isaac Azar



Referência:

<<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/11/torcidas-gays-especial-mostra-o-tabu-das-arquibancadas>>
Acesso em 25/11/2013

A partir da divulgação dessa foto, em agosto de 2013, iniciou-se uma constante movimentação de ações homofóbicas contra o jogador e o Corinthians, tanto por parte da torcida do próprio time, quanto por parte de torcidas adversárias, que iniciaram agressões verbais baseados numa lógica homofóbica*.

* Agredir na lógica homofóbica, significa ao nosso entender que muitas vezes, ao se intencionar uma agressão

Como descreve a reportagem do Portal EBC (PORTAL EBC, acesso em 25/11/2013), no dia posterior ao da divulgação, integrantes de uma torcida organizada corinthiana denominada Camisa 12, dirigiram-se ao centro de treinamento do clube para sustentar faixas com dizeres como “vai beijar a P.Q.P. Aqui é lugar de homem”, “Respeito é pra quem tem” e “Viado não”. Ademais, conforme a reportagem da Rede Brasil Atual (REDE BRASIL, acesso em 25/11/2013), nada parece sensibilizar dirigentes, imprensa desportiva e os próprios jogadores e torcedores sobre a questão da homofobia no futebol brasileiro. Também, para essa mesma reportagem, a discussão em torno do “selinho” não constituiu nenhuma novidade, já que nos anos 1970, haviam torcidas organizadas que “levantavam a temática LGBT” (*Ibid.*). Entre elas a Flagay e a Coligay, respectivamente torcidas dos times Clube de Regatas do Flamengo (Flamengo) da cidade do Rio de Janeiro e do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense (Grêmio) da cidade de Porto Alegre.

Para esse estudo procuraremos entender como uma torcida organizada que se autoafirma homossexual se insere no futebol, onde há a predominância da homofobia. No nosso caso, estudaremos a Coligay, que como escrevemos acima, foi uma torcida organizada do Grêmio de Porto Alegre, assim denominada, pois seus integrantes frequentavam a Boate Coliseu localizada na mesma cidade do time e considerada uma boate para o “público gay” (Revista Placar de 27/05/1977). Tendo surgido a 9 de abril de 1977, no jogo entre o Grêmio e o Santa Cruz-RS pelo Gauchão - Campeonato Gaúcho de Futebol (Revista Placar de 26/01/1987).

Nosso caminho será analisar reportagens sobre a Coligay na Revista Placar, a qual se constitui atualmente como uma das mais importantes no cenário do jornalismo esportivo, em especial do futebol, tendo em vista que sua primeira edição data de 20 de março de 1970* e até o momento da produção desse estudo, ela continua a ser editada e comercializada. Com o

verbal a partir de palavras como “bicha”, “viado”, “gay”, etc., aqueles que atacam utilizam essas palavras de forma pejorativa e negativa. Mas esses termos podem não configurar uma agressão, dependendo do contexto, a exemplo do que podemos presenciar em piadas, comédias etc. Essas palavras se tornam uma agressão quando utilizadas, como escrevemos, num sentido homofóbico, quando há de fato a intenção de se atingir moralmente algum indivíduo.

* Revista Placar de 25/05/1979, página 56, que afirma ser a primeira edição de 20/03/1970. Da mesma forma, analisando a edição de 20/03/1970, na sua capa é feita referência à edição 1. Já na seção “carta do editor” da mesma primeira edição, página 38, é feita referência a algumas questões que constituem a “filosofia da revista”: a paixão clubística, as preocupações sociais, interesses menores substituídos por uma crítica construtiva, análise ponderada, reportagem desassombrada e imparcial.

objetivo de entender como essa torcida se constituiu enquanto organização, seu discurso de autoafirmação identitária e seu objetivo de se fazer presente nos estádios de futebol, procuraremos construir uma narrativa na qual seja possível perceber essas questões, a fim de incluir no espaço da historiografia as construções das masculinidades que sistematizam os caminhos de nossa interpretação. Por narrativa, entendemos que

o pensamento histórico, em todas as suas formas e versões, está condicionado por um determinado procedimento mental de o homem interpretar a si mesmo e a seu mundo: a narrativa de uma história. Narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo, antropologicamente universal. **A plenitude do passado cujo tornar-se presente se deve a uma atividade intelectual a que chamamos de “história” pode ser caracterizada, categoricamente, como narrativa.** A “história” como passado tornado presente assume, por princípio, a forma de uma narrativa. O pensamento histórico obedece, pois, igualmente por princípio, à lógica narrativa. (Rüsen, 2001, p.149 - Grifo nosso)

Para essa sistematização, procuraremos através do conceito de currículo de masculinidades, presente na dissertação de Gustavo Andrada Bandeira (Bandeira, 2009), uma melhor descrição dessa relação entre a Coligay e o espaço futebolístico. A escolha por esse conceito se deu na medida em que concordamos com a ideia de que há nos estádios e outros espaços de reprodução do discurso futebolístico uma constante: o processo de “pedagogização”, da qual surgem ações que se associam a forma de ser homem (ou não ser homem). Buscaremos entender como a Coligay se insere nesse espaço de (re)produção do discurso que se determina um sujeito homem e masculino. O termo (re)produção foi escolhido no sentido de explicar que ao mesmo tempo em que se instituem novos discursos de determinação desse sujeito homem e masculino, há reproduções de outros discursos. Esse sujeito, por sua vez, parece não se adequar ao outro sujeito que se autoafirma na torcida organizada em estudo, pois este já é homossexual. No currículo de masculinidades parece não haver lugar para o sujeito homossexual, pois ele seria inferior ao sujeito que se constitui como masculino, havendo uma espécie de binarismo.

A torcida organizada Coligay através da Revista Placar

A Coligay foi fundada em 1977 e é considerada uma das primeiras torcidas organizadas, cujos seus integrantes se autoafirmam* homossexuais. A primeira partida em que essa torcida compareceu foi entre o Grêmio e o Santa Cruz-RS, pelo Campeonato Gaúcho de Futebol, a 9 de abril do mesmo ano de sua criação. Conforme a Revista Placar (de 27/05/1977), a Coligay se constituiu como uma nova torcida organizada que deu “um golpe no lendário machismo gaúcho” (*Ibid.*). Tendo sido fundada por frequentadores da Boate Coliseu, em Porto Alegre, e tendo chegado a 60 representantes em jogos com o time rival, o Sport Club Internacional. A inserção dessa torcida no jogos implicou uma divisão de espaço com os torcedores que não faziam parte deste grupo, constituindo uma espécie de obrigação de aceitação no imaginário gremista da época. Mesmo assim, havia certa resistência a essa inserção, conforme alguns comentários dos torcedores gremistas, reproduzidos pela Revista Placar.

1)Era só o que faltava. Logo nesse ano, quando estava dando tudo certinho, com o nosso time bem mais ajeitado que o deles [o time do Sport Club Internacional], aparece essa gente [Coligay] para desmoralizar tudo.

2)Olha, eu por mim comandava uma pauleira contra eles [integrantes da Coligay], mas toda vez que falo nisso na arquibancada o pessoal manda deixar pra lá, que é feio brigar dentro da própria torcida. Mas não considero aqueles caras torcedores. Eles querem é rebolar, aparecer.

3)Vocês não fiquem gozando muito, porque já ouvi dizer por aí que as coloradas [colorado(a) é uma das acunhas para o S. C. Internacional e a forma como seus torcedores são denominados] não vão querer ficar para trás. Vem aí a Interflowers [Inter é como o S. C. Internacional é conhecido]. Vai ser uma afinação total nas arquibancadas. (*Ibid.*)

* Optamos pelo termo “autoafirmação”, tendo em vista que a presença de homossexuais em torcidas não é uma novidade (ou mesmo a presença de homossexuais em outros espaços), o que é novidade é a autoafirmação dessa condição sexual num espaço notoriamente público, num período de vigência do Regime Militar, o qual possuiu em uma de suas características a intolerância a homossexuais. Sobre a questão da homossexualidade e Regime Militar, ver Passamani, 2010.

Imagem 2: Foto da Coligay reproduzida na Revista Placar de 27/05/1977



Referência:

<<http://www.literaturanaarquibancada.com/2014/05/coligay-tricolor-e-de-todas-as-cores.html>>
Acesso em 27/05/2014

Ademais, José Buaes, chefe da torcida organizada denominada Eurico Lara, que segundo a Revista Placar, contava com apoio dos dirigentes, lamentava-se o que estava ocorrendo com o Grêmio, agora com uma torcida diferente, que segundo ele não era como a Eurico Lara, cujos integrantes eram “meninos sadios e normais” (*Ibid.*). Todavia, a outra torcida organizada, chamada de Força Azul não agradava José Buaes da mesma forma. Essa última torcida se organizou a partir da insatisfação com as normas rígidas da Eurico Lara, a qual exigia, por exemplo, o boletim escolar todos os meses. José Buaes também afirmara que a Coligay não sofreria pressão por parte da diretoria. Nas palavras dele:

Enquanto eles ficarem nisso, tudo bem. Não tomaremos conhecimento. É como se não existissem. Conheço essa gente e sei que qualquer pressão provocaria a explosão da bicharada. Na base da solidariedade, elas invadiriam este estádio às centenas e seria um escândalo. Melhor deixar como está. (*Ibid.*)

Mesmo assim, a Coligay era constantemente vigiada, tendo em vista ser possível casos de brigas entre as torcidas. O chefe do setor de meretrício e vadiagem da Delegacia de Costumes, o comissário Teodósio Pielewski, afirmava que não se constatava quaisquer atos

ilegais, nem mesmo a faixa que a Coligay sustentava, identificando-os como homossexuais, configurava algum crime. Porém ele era enfático ao afirmar que se algum torcedor da Coligay provocasse outro torcedor de uma torcida diferente, seria retirado do estádio.

Conforme José Buaes, chefe da Eurico Lara, esse movimento da Coligay era passageiro, porém Volmar Santos, chefe da Coligay, afirmava que era permanente. Conforme Volmar Santos, antes de tudo eles eram gremistas e já frequentavam os jogos antes de se organizarem, e que a novidade era exatamente o fato de se constituírem numa organização. Num de seus discursos, Volmar Santos afirmava:

Acabar? Pelo contrário. Já temos uma *kombi* que leva representantes nossos para cidades do interior, muitos vão em seus carros, de ônibus. E tem mais: já falei com muitos cabeleireiros meus amigos, eles ficaram encantados com o sucesso que a torcida está fazendo e prometeram aderir e convidar seus amigos. Só queremos paz e alegria, mas já vou avisando a quem quiser mandar contra nós: tem muita gente importante, que não pode aparecer, nos dando apoio. (*Ibid.*)

O que teria feito com que Volmar refletisse sobre a constituição de uma torcida, já que ele desde pequeno costumava frequentar o estádio, eram as características das torcidas então vigentes, as quais segundo ele só incentivavam o time em momentos de vitória. Para Volmar essa era uma das diferenças da Coligay para as outras torcidas, além de serem “mais animados e descontraídos por natureza”. Dois requisitos eram fundamentais para ingressar na torcida: ser *gay* e gremista. Esses requisitos foram colocados após colorados desejarem ingressar na torcida. O objetivo era acima de tudo torcer à sua maneira. Todavia, travestis não eram permitidos, pois segundo Volmar a entrada desses seria “avacalhação”.

Na Revista Placar (*Ibid.*) é relatado um fato interessante: trata-se de uma intervenção na entrevista que Volmar concedia à revista. Foi um comentário feito por um dos integrantes do grupo, o qual se diz comissário de bordo. Segundo ele: “o fato de uma torcida desse gênero surgir justamente num clube de raízes elitistas, como o Grêmio, não é coincidência; pessoas de maior embasamento cultural, diz, adquirem sua libertação com menor dificuldade” (*Ibid.*). Volmar, na entrevista demonstra não concordar muito com essa ideia. Algo que Volmar se admirava era o fato de os homossexuais se expressarem e se manifestarem em público, num Estado, segundo ele machista.

Imagem 3: Foto de integrantes da Coligay



Referência:

<<http://www.esportes.r7.com/blogs/eduardo-marini/2013/10/17/gaivotas-da-fiel-esta-longe-de-ser-primeira-torcida-gay-coligay-flagay-e-raposoes-vieram-bem-antes/>> Acesso em 27/05/2014

Todavia, a Coligay não conseguiu se sustentar por muito tempo. “A Coligay, de fato, definiu aos poucos. Houve desânimo, dissidências e repressão velada. Os gremistas sentiam-se contrariados com aquele pequeno bando, e ainda mais com as irritantes gozações dos eternos rivais colorados. O então presidente do Grêmio, Hélio Dourado, se recusava a falar sobre o assunto” (Revista Placar de 26/01/1987). O preconceito, foi segundo Frey Rocha, ex-padre, relações públicas de outra boate *gay* existente à época, a Pantheon, e um dos líderes da volta da Coligay em 1987, um fator que levou ao fim da torcida na década de 1970. Segundo ele, havia inclusive casos de perseguição pelos “machões do interior” (*Ibid.*) com “facções” (*Ibid.*). Porém nenhum integrante saía da cidade sem um namorado. A intenção de Frey Rocha era erguer a torcida novamente na década de 1980 e inaugurar a torcida Intergay, para segundo ele “aglutinar os homossexuais que torcem para o Internacional” (*Ibid.*).

Porém a Revista Placar de dez de junho de 1983 relata a volta da Coligay, sob o título de “A Coligay rebola outra vez” (Revista Placar de 10/06/1983):

Vestidos de maneira bem mais discreta – ao invés dos camisolões azuis de cinco anos atrás, delicadas camisetas brancas -, os alegres rapazes da Coligay voltaram a derramar suas plumas sobre as arquibancadas do Grêmio. Única torcida organizada gay do futebol brasileiro, já conta com 25 sócios, “todos assumidos”, como diz seu atual presidente, Plínio de Oliveira. “Nós agitamos o jogo inteiro, dançamos, rebolamos, fazemos a maior gritaria, coisa de que as outras torcidas têm medo”, vangloria-se Oliveira. Logo que a presença da Coligay for novamente assimilada pelo restante dos torcedores, os antigos uniformes voltarão à ativa. Por enquanto, os rapazes contentam-se em agitar guarda-chuvas tricolores. (*Ibid.*)

O período que marca o fim dessa torcida é uma dúvida, já que a Revista Placar representa a Coligay até a edição de 26/01/1987, sendo que nesse ano é feita referência à volta dessa organização. Ao mesmo tempo, nessa mesma edição, segundo Frey Rocha, a Coligay teria terminado ainda na década de 1970. Porém, na edição de 10/06/1983, a Revista Placar noticia o retorno. Dessa forma, nosso recorte temporal foi escolhido conforme a representação da Coligay na Revista Placar, ou seja, de 1977 a 1987.

Imagem 3: Reportagem da Revista Placar de 10/06/1983



Os alegres gremistas, de uniforme novo

Vestidos de maneira bem mais discreta — ao invés dos camisolões azuis de cinco anos atrás, delicadas camisetas brancas —, os alegres rapazes da Coligay voltaram a derramar suas plumas sobre as arquibancadas do Grêmio. Única torcida organizada gay do futebol brasileiro, já conta com 25 sócios, “todos assumidos”, como diz seu atual presidente, Plínio de Oliveira. “Nós agitamos o jogo inteiro, dançamos, rebolamos, fazemos a maior gritaria, coisa de que as outras torcidas têm medo”, vangloria-se Oliveira. Logo que a presença da Coligay for novamente assimilada pelo restante dos torcedores, os antigos uniformes voltarão à ativa. Por enquanto, os rapazes contentam-se em agitar guarda-chuvas tricolores.

Referência:

<<http://www.literaturanaarquibancada.com/2014/05/coligay-tricolor-e-de-todas-as-cores.html>>

Acesso em 27/05/2014

Um currículo de masculinidades: a (re)produção de um sistema normativo nos estádios de futebol

Sob o nome de “*Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração*”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol, Gustavo Andrada Bandeira, pretende nessa dissertação, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, demonstrar a forma que as masculinidades são construídas e vivenciadas nos estádios de futebol. Nesse caso, o autor realizou estudos de campo nos estádios do Sport Club Internacional – Estádio Beira Rio e do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense – Estádio Olímpico. Na perspectiva adotada, o autor parte do conceito de gênero para tentar compreender a(s) construção(ões) da(s) masculinidade(s). Em suas percepções, compreende que nesses espaços, os estádios, não se constituem apenas uma masculinidade, e sim diversas masculinidades, tendo em vista que outros fatores como raça/etnia, classe social etc., inserem-se nessa construção identitária. Ainda, percebe que elas se relacionam num sistema de hierarquização, onde se destaca aquele que se demonstra ser mais masculino, ou agir da forma que ao menos se compreende o “ser masculino”. Como o autor coloca:

[...] tratava-se de investigar não uma regra ou um conjunto eficaz de ações detalhadamente planejadas que formulariam um sujeito masculino, mas sim, sugestões ou incitamentos valorizando algumas associações e não outras para as construções de masculinidades em um contexto cultural específico. (Bandeira, 2009, p. 12.)

Segundo ele, desde pequenos somos inseridos no imaginário de reproduções normativas. Somos “obrigados” a vestir a camisa vermelha (do Sport Club Internacional) ou a camisa azul (Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense). Da mesma forma, desde pequenos somos inseridos na lógica de distinção de sexos, a roupa azul para o menino e a rosa para a menina. Essa divisão dos sexos faz parte de um todo que constitui a construção do gênero, que ao longo da vida recebe outros fatores para demarcar essa distinção. O autor parte inclusive de sua própria memória para escrever esse trabalho, já que desde pequeno ia aos jogos de seu time, o Grêmio, e aprendia a forma pela qual os homens se caracterizam nos estádios, como falar ou gritar palavrões.

Ademais, compreende-se que há um processo de aprendizagem dos valores nos estádios e que dessa forma, esse processo se constitui como um caminho de análise dentro da perspectiva educacional, afinal como o próprio autor define, não são apenas os espaços escolares que nos ensinam a ser um determinado sujeito. Essa questão se demonstra em outros

lugares de reprodução cultural. Dessa forma, os estádios exercem uma pedagogia, já que a presença nesses espaços faz com que haja uma transformação de um ser sujeito para outro, uma mudança de identidades.

Para auxiliar na sua análise, Bandeira utiliza o conceito de currículo, mostrando que não é apenas algo adaptável ao ambiente escolar, a partir da ideia que “o currículo seria bem mais entendido, aqui, como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer” (*Ibid.*, p. 19). Adaptando o conceito à pesquisa, o currículo se insere como um (re)produtor de culturas, valores, modos de ser e de agir dentro dos estádios. Os sujeitos masculinos se constituíram a partir de um **currículo de masculinidades**, onde formariam o torcedor, já que para tal identidade se fazem necessário algumas normas de condutas. Porém essas normas não são impostas de forma objetiva, isto é, não existe algo que diga que se deve agir de tal forma. Esse processo é subjetivo, onde os sujeitos se adaptam à regras para encontrarem sua identidade. Obviamente, fugir desse padrão identitário reproduz a condição de exclusão dos sujeitos que não fazem parte dessa lógica. Mas essa lógica muitas vezes também não se estabelece de forma imposta, mas sim condicionada. Ou seja, aqueles que não se sentem parte da torcida não a integram, pois estão condicionados a não agirem como os que integram. Também, nesse processo estão aqueles que não estão condicionados a agirem previamente como os integrantes da torcida, porém podem passar pelo processo de aprendizado do agir como eles. E é nesse sentido que se aborda o currículo de masculinidades, onde se aprende a torcer na lógica da construção do ser masculino.

Esse currículo não se estabelece com um fim, os torcedores não passam pelo processo em que há um fim, onde existiria um momento em que se tornaria um torcedor com as características masculinas já desenvolvidas. É um processo longo e o currículo de masculinidades apresenta novos fatores que modificam e renovam o sujeito masculino. Nessa análise, insere-se a perspectiva da representação, onde se buscou não o que os atores queriam dizer em seus discursos, mas o que eles diziam em determinados contextos, de forma a compreender as representações de masculinidades. Como “materiais didáticos” (*Ibid.*, p. 109) desse currículo, o autor buscou nos cânticos das torcidas, artigos e comentários em jornais, manifestações oficiais do clube através, por exemplo, da publicidade.

Num dos diversos pontos desse currículo, está a questão de inferiorização da torcida adversária através de um discurso homofóbico. Palavras como “puto”, “viado”, são utilizados

para autoafirmação identitária masculina heterossexual e ativa, com o intuito de inferiorizar a identidade do adversário. Parece que o ato que constrói esse “puto/viado” está num contexto específico, em que esse sujeito homossexual só é inferior se é o passivo, ou seja, no imaginário desta masculinidade é dominado pelo outro. Num estádio de futebol percebemos que dominar o adversário constitui uma prática “natural”, e nesse sentido se torna “mais homem”, pois domina.

Nesse contexto, não é toda e qualquer prática homoerótica que produz um 'puto', mas apenas as práticas como cantadas no *Atirei o pau no Inter e no Grêmio: 'chupar rola e dar o cu'*. Os afetos entre os machos de uma mesma torcida ou a violência sexual contra o rival não colocam a masculinidade viril dos sujeitos em risco. (*Ibid.* p. 111-112.)

Para inferiorizar o outro se faz necessário dominar, da mesma forma, numa relação homoafetiva. A exemplo do que Amílcar Torrão Filho nos elucidava:

Em muitos lugares, principalmente na América Latina, a homossexualidade masculina é vista sob uma dupla moral. Ativos e passivos são encarados de maneira diferente. Enquanto o homem que é ativo na penetração por vezes não se considera como homossexual, ou seja, não coloca em questão sua preferência pelas mulheres e sua masculinidade. O passivo é estigmatizado como detrator de seu sexo. (Torrão Filho, 2005, p. 145.)

A afetividade pelo clube, com claras demonstrações de “paixão pelo clube” constitui para esses torcedores algo aceitável e que se estabelece como uma prática masculina heterossexual, sendo que em momentos onde há um gol, por exemplo, a comemoração com abraços não constitui algo de “puto” ou “viado”. Porém, essa demonstração só se aceita entre uma mesma torcida. Abraçar o torcedor do time adversário pode constituir uma prática homossexual na lógica das representações de masculinidades nos estádios de futebol.

Conclusão

A relação entre a Coligay e o currículo de masculinidades se fundamenta de forma que, a torcida, como um todo passa a se afirmar sob uma identidade que nesse currículo é visto como algo inferior. A exemplo das demonstrações de superioridade, a dominação se

insere como um fator de poder, onde o ser masculino, homem, é superior na medida em que mostra suas características, como gritar alto, falar palavrões, agredir verbalmente o adversário, exigir garra e força dos jogadores. Nesse sentido, a construção da masculinidade nos estádios de futebol se estabelece e se autoafirma dessa forma através de diversos “materiais didáticos” como Bandeira mesmo explica. Desde a forma pela qual se haze até a forma pela qual o próprio time se institui, fazendo com que exista certa identificação entre torcedores e o clube.

A Coligay, por sua vez, foi uma torcida que se autoafirmou como constituída por homossexuais, excluindo dessa esfera os travestis. Não encontramos em nossas fontes algo que possamos afirmar sobre a existência de um currículo de homossexualidade, da mesma forma, esse não era o objetivo do trabalho, porém encontramos que os integrantes dessa torcida possuíam uma forma de agir em comum. Como citamos anteriormente, há na revista Placar a seguinte afirmação: “Nós agitamos o jogo inteiro, dançamos, rebolamos, fazemos a maior gritaria, coisa de que as outras torcidas têm medo, vangloria-se Oliveira” (Revista Placar de 10/06/1983). Acreditávamos, antes de tomar conhecimento dessa afirmação, que algumas descrições da Revista Placar sobre a Coligay poderiam ser pejorativas, a exemplo dessa:

Um ou dois jogos depois, porém, não restava[*sic*] dúvidas. A cozinha foi reforçada, eles passaram a levar faixas identificadas, a bailar - rebolando e levantando graciosamente o pezinho – e, quando uma bola raspava a trave defendida pelo goleiro do Grêmio, juntavam as palmas das mãos e soltavam agudos gritinhos de emoção. (*Ibid*, de 27/05/1977)

Imagem 4: Foto de integrantes da Coligay em 1977



Referência:

<<http://www.placar.abril.com.br/materia/arco-iris-tricolor-livro-conta-a-historia-da-primeira-torcida-gay-do-brasil>>

Acesso em 25/05/2014

Todavia, passamos a depreender que talvez a pejoratividade estivesse em nossa percepção subjetiva, ou seja, talvez essa descrição acima sobre a Coligay seja algo que a própria torcida encarou como normal, como algo que de fato se assemelhasse com a identidade deles. Então, pensamos que exista uma identidade ou pontos de um fator identitário em comum nos torcedores da Coligay, que os fizessem estar sob a égide de uma mesma organização. No que tange ao objetivo dessa torcida, entendemos que se direcionava à questão de torcer, porém torcer sendo assumidamente homossexuais. A exemplo do discurso de Volmar Santos, o fundador da torcida, onde nos fica claro que antes da existência dessa organização, alguns torcedores já iam ao estádio, como é o caso de Volmar. Porém, eles não haviam ainda se autoafirmado homossexuais publicamente nos estádios. Ou seja, como indicamos no início do trabalho, não é novidade a presença de homossexuais na torcida, a novidade reside no momento em que esses torcedores se organizam e instituem uma torcida específica. Ao mesmo tempo, para integrar essa torcida se fazia necessário ser *gay* e gremista. Esse fator nos auxilia na ideia de que havia uma identidade em comum nos torcedores, mas que isso não configura uma construção de um currículo de homossexualidade, onde pudessem existir formas de agir, como é o caso do currículo de masculinidades.

Nesse último currículo existe a construção de formas de agir, do ser masculino, mas como Bandeira escreve, não havia uma forma de agir e nem uma forma de ser masculino, era um processo que comungava outros fatores, os quais viriam a determinar diversas formas do ser masculino. Todavia, essas formas não compartilhavam com o sujeito homossexual reproduzido pela Coligay. Nesse norte se insere o binarismo que nos referimos no início. Algo como se ambos os lados, masculino e homossexual, estabelecem-se de forma opostas. Assim, nosso objetivo no estudo foi entender como a Coligay se insere nesse espaço onde há a reprodução de sujeitos opostos aos que pertencem a essa torcida. Dessa forma, concluímos que mesmo havendo uma inserção dessa torcida nos estádios, a Coligay não resistiu ao preconceito e às ameaças de violência física. A existência desse preconceito e das ameaças de

violência sustenta a utilização do conceito de currículo de masculinidades, já que nesse sentido não haveria espaço para a reprodução do discurso que a Coligay sustentava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Eu canto bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009, 127 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Homossexualidades e ditaduras militares: o caso de Brasil e Argentina. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis-SC. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis-SC: UFSC, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero – onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagú**, Campinas, n. 24, jan./jun, 2005, p. 127-152.

Fonte

Revista Placar

Site

PORTAL EBC. **Torcidas gays: especial mostra o tabu das arquibancadas**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/11/torcidas-gays-especial-mostra-o-tabu-das-arquibancadas>>. Acesso em 25/11/2013

REDE BRASIL ATUAL. **É hora de discutir a homofobia no futebol**. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2013/08/e-hora-de-discutir-a-homofobia-no-futebol-7992.html>>. Acesso em 25/11/2013